

# Sobre o Meu Julgamento: Luta de Classes ou Ódio de Classes?

Errico Malatesta

Umanità Nova, n ° 137, em 20 de setembro de 1921

Eu expressei ao júri em Milão algumas ideias sobre a luta de classes e o proletariado que provocaram críticas e espanto. É melhor voltar para essas ideias.

Protestei com indignação contra a acusação de incitamento ao ódio; Expliquei que, em minha propaganda, sempre procurei demonstrar que os males sociais não dependem do mal de um mestre ou outro, de um governador ou de outro, mas sim dos mestres e governos como instituições; Portanto, a solução não está em mudar governantes, mas é necessário demolir o próprio princípio pelo qual os homens dominam sobre os homens; Também expliquei que sempre enfatizei que os proletários não são individualmente melhores do que os burgueses, como evidencia o fato de que um trabalhador se comporta como um simples burguês e pior, quando ele chega por meio de um acidente a uma posição de riqueza e comando.

Tais declarações foram distorcidas, falsificadas, colocadas em um aspecto desfavorável pela imprensa burguesa, e a razão é clara. O dever da imprensa de defender os interesses da polícia e dos tubarões é esconder do público a verdadeira natureza do anarquismo, e buscar credenciar a história de que os anarquistas estão cheios de ódio e de que são destruidores; a imprensa faz isso por dever, mas temos que reconhecer que muitas vezes fazem isso de boa fé, por pura e simples ignorância. Como o jornalismo, que já foi uma vocação, se dividiu em mero trabalho e negócios, os jornalistas perderam não apenas seu senso ético, mas também a honestidade intelectual de se absterem de falar sobre o que não sabem.

Vamos esquecer os escribas, então, e falar sobre aqueles que diferem de nós em suas ideias e muitas vezes apenas em expressar ideias, mas eles ainda são nossos amigos, porque eles sinceramente apontam para o mesmo objetivo que nós.

O espanto dessas pessoas é completamente desmotivado, tanto que eu costumo pensar que é falso. Você não pode ignorar o que venho dizendo e escrevendo essas coisas há cinquenta anos, e que as mesmas coisas foram ditas por centenas e milhares de anarquistas, em meu próprio tempo e antes de mim.

Vamos falar sobre o desentendimento.

Há pessoas “orientadas para o trabalhador”, que consideram que ter mãos calejadas é algo divinamente imbuído de todos os méritos e todas as virtudes; eles protestam se alguém se atreve a falar sobre as pessoas e a humanidade, sem jurar no sagrado nome do proletariado.

Agora, é verdade que a história fez do proletariado o principal instrumento da próxima mudança social, e aqueles que lutam pelo estabelecimento de uma sociedade na qual todos os seres humanos são livres e dotados de todos os meios para exercer sua liberdade, eles devem depender principalmente do proletariado.

Desde hoje, a acumulação de recursos naturais e capital criada pelo trabalho das gerações passadas e presentes é a principal causa da sujeição das massas e de todos os males sociais, é natural que aqueles que não têm nada e, portanto, mais direta e claramente estão interessados em compartilhar os meios de produção, ser os principais agentes da expropriação necessária. É por isso que direcionamos nossa propaganda com maior particularidade aos proletários, cujas condições de vida, por outro lado, tornam muitas vezes impossível que eles se levantem e concebam um ideal superior. No entanto, isso não é motivo para converter os pobres em fetiche simplesmente porque ele é pobre; nem é motivo para encorajá-lo a acreditar que ele é intrinsecamente superior, e que alguma condição que certamente não vem do seu mérito ou da sua vontade, lhe dá o direito de fazer o mal aos outros porque outros o fizeram erradamente. A tirania das mãos calejadas (que na prática continua sendo a tirania de alguns que não têm mais mãos calejadas, embora as tivessem), não seria menos dura e má, e não implicaria males menos duradouros do que a tirania de luvas. Talvez fosse menos esclarecido e mais brutal: isso é tudo.

A pobreza não seria a coisa horrível que é, se não produz brutalidade moral, bem como danos materiais e degradação física, quando é prolongada de geração em geração. Os pobres têm defeitos diferentes daqueles produzidos nas classes privilegiadas pela riqueza e poder, mas não melhor.

Se a burguesia produz alguns Giolitti e Graziani e uma longa sucessão de torturadores da humanidade, desde os grandes conquistadores até os chefões ávidos e sanguessugas, também produz alguns Cafiero, Reclus e Kropotkin, e a multidão de pessoas que, todas as vezes sacrificavam seus privilégios de classe por um ideal. Se o proletariado deu e continua proporcionando tantos heróis e mártires à causa da redenção humana, também produz os guardas brancos, os assassinos, os traidores de seus próprios irmãos, sem os quais a tirania burguesa não poderia durar um único dia.

Como o ódio pode ser elevado a um princípio de justiça, a um espírito esclarecido de exigência, quando está claro que o mal está em toda parte e depende de causas que vão além da vontade e da responsabilidade individuais?

Que haja tanta luta de classes quanto se deseja, se por luta de classes entendermos a luta dos explorados contra os exploradores pela abolição da exploração. Essa luta é uma forma de elevação moral e material, e é a principal força revolucionária em que se pode ter confiança.

Que não haja ódio, no entanto, porque amor e justiça não podem surgir do ódio. O ódio traz vingança, o desejo de estar no inimigo, uma necessidade de consolidar a superioridade de alguém. O ódio só pode ser a base de novos governos, se um vencer, mas não pode ser a base da anarquia.

Infelizmente, é fácil entender o ódio de tantos desafortunados cujos corpos e sentimentos são atormentados e alagados pela sociedade: no entanto, assim que o inferno em que vivem é iluminado por um ideal, o ódio desaparece e um desejo ardente de lutar pelo bem de todos aparece.

Por esta razão, você não pode encontrar pessoas que realmente odeiam entre os nossos pares, embora existam muitas retóricas de ódio. Eles são como o poeta, que é um pai bom e pacífico, mas que canta sobre o ódio, porque isso lhe dá a oportunidade de compor bons versos ... ou talvez maus. Eles falam sobre ódio, mas o ódio deles é feito de amor.

Por esse motivo, eu os amo mesmo quando me insultam.

Biblioteca Anarquista



Errico Malatesta

Sobre o Meu Julgamento: Luta de Classes ou Ódio de Classes?

Umanità Nova, n ° 137, em 20 de setembro de 1921

[es.theanarchistlibrary.org](http://es.theanarchistlibrary.org)

Titulo Original: *Acerca de mi juicio: ¿Lucha de clases u odio de clases?*. Tradução e Revisão por  
André Tunes @**Nucleo de Estudos Autonomo Anarco Comunista**.

Ela não possui direitos autorais pode e deve ser reproduzida no todo ou em parte, além de ser liberada  
a sua distribuição, preservando seu conteúdo e o nome do autor.

**[bibliotecaanarquista.org](http://bibliotecaanarquista.org)**